

OS DESAFIOS DO ENSINO DE LITERATURA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

THE CHALLENGES OF TEACHING LITERATURE IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES

Barbara Lima Sampaio¹
barbaralimasampaio2@gmail.com

Eloisa da Rosa Oliveira²
elo@unesc.net

RESUMO

Quais os principais desafios do ensino de Literatura em aulas de Língua Portuguesa? Como se dá a crise da Literatura em sociedade e como ela reflete no espaço da sala de aula? Estes são alguns dos questionamentos que norteiam o pensar sobre o espaço da Literatura. Sendo que é por meio da indagação que flui o interesse pela pesquisa, o que resulta no intuito da mudança e amadurecimento da prática docente. Este trabalho visou investigar os desafios do ensino de Literatura em aulas de Língua Portuguesa e teve por objetivo central compreender melhor o debate teórico em torno do tema ensino de Literatura e seu espaço nessas aulas, de modo a entender a relação entre a crise da Literatura em sociedade e a crise do ensino de Literatura, assim como, estudar sobre as possibilidades da presença da Literatura como centro das aulas de Língua Portuguesa. A metodologia adotada para a pesquisa foi qualitativa e bibliográfica, sem um *corpus* específico a ser analisado, pois teve como base os estudos de teoria literária e as pesquisas de professores pesquisadores da área. Para organização dos tópicos do estudo, selecionamos três categorias de análise: 1) A crise da Literatura em sociedade; 2) A crise do ensino de Literatura e 3) O espaço da leitura literária em aulas de Língua Portuguesa. Em um primeiro momento, ocorreu o aprofundamento do tema crise da Literatura em sociedade, de acordo com a problematização de Perrone-Moisés (2016), Cruz (2017) e Lajolo (2018). Na sequência, buscou-se entender a relação entre as duas primeiras categorias, com base em Perrone-Moisés (2016), Cruz (2017), Cosson (2018) e Galvão e Silva (2017). E, por fim, abordou-se sobre o espaço da leitura literária nas aulas, isto é, como o texto literário se relaciona com os objetivos de uma aula de Língua Portuguesa, conforme orienta Antunes I. (2003), Zilberman (2012) e também Cosson (2018).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Ensino de Literatura; Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

What are the main challenges of teaching Literature in Portuguese Language classes? How does the crisis of Literature in society occur and how does it reflect in the classroom? These are some of the questions that guide the thinking about the Literature space. It is through inquiry that the interest in research flows, which results in the intention of changing and maturing teaching practice. This work aimed to investigate the challenges of teaching Literature in Portuguese Language classes and had as

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC. Professora da rede pública de ensino de Siderópolis – SC.

² Graduada em Letras Português e Inglês pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Mestre e Doutoranda pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Professora do ensino superior da Universidade do Extremo Sul Catarinense e do colégio UNESC.

central objective the better understanding about the theoretical debate around the subject of Literature teaching and its space in these classes, in order to understand the relationship between the crisis of Literature in society and the crisis of Literature teaching, as well as studying the possibilities of the presence of Literature as the center of Portuguese Language classes. The methodology adopted for the research was qualitative and bibliographic, without a specific *corpus* to be analyzed, since it was based on studies of literary theory and research by professors and researchers in the area. To organize the study topics, it was selected three categories of analysis: 1) The crisis of Literature in the society; 2) The crisis of the Literature teaching and 3) The space of the literary reading in Portuguese Language classes. At first, there was a deepening at the theme of the crisis of Literature in society, according to the problematization of Perrone-Moisés (2016), Cruz (2017) and Lajolo (2018). Then, it was sought to understand the relationship between the first two categories, based on Perrone-Moisés (2016), Cruz (2017), Cosson (2018) and Galvão e Silva (2017). And, finally, it was approached the space of the literary reading in classes, that is, how the literary text relates to the objectives of an Portuguese Language class, as advised by Antunes I. (2003), Zilberman (2012) and also Cosson (2018).

KEYWORDS: Literature; Teaching of Literature; Teaching of Portuguese Language.

1 OBSERVAÇÕES INICIAIS

Nas duas últimas décadas, marcadas pela revolução digital³, o ensino de Literatura tem sido tema de estudos de pesquisadores brasileiros em geral, professores, críticos literários, etc. De forma geral, durante a graduação no curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, os futuros professores são levados a refletir sobre o tema, afinal, a Literatura faz parte deste ensino. Partiu-se deste contexto para a escolha do tema deste artigo, que se deu em função da busca por aprofundamento na temática, com vistas na experiência docente. Diante disso, o objetivo central deste estudo foi compreender melhor o debate teórico em torno do tema ensino de Literatura e seu espaço na aula de LP⁴. Para situar o leitor, será exposto neste tópico como se deu o desdobramento desta pesquisa, a fim de elencar as seções elaboradas para o desenvolvimento do tema. A metodologia do estudo foi bibliográfica, com foco no referencial teórico da área, e qualitativa, analisando o debate e relação entre os estudos sobre o tema.

Ao longo do curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na UNESC, os acadêmicos têm o contato com autores que estudam sobre o ensino, em especial de LP. Então, por meio do estudo da teoria, os futuros professores percebem apontamentos sobre esse ensino mediante as problematizações dos pesquisadores, com isso, é possível fazer relação com a

³ Termo utilizado para se referir ao avanço tecnológico.

⁴ Adotar-se-á o termo para se referir a disciplina de Língua Portuguesa.

experiência que se teve enquanto aluno (a) da Educação Básica. Este processo de familiarização da teoria com a experiência vivida em tempo de colegial se efetiva em contato com a prática enquanto professores. Pois, é no contexto da sala de aula que o (a) acadêmico (a) vivencia e acessa efetivamente o contexto de atuação docente nas aulas de LP e reflete mais fortemente sobre como pode elaborar suas aulas de acordo com a teoria debatida ao longo do curso, de modo a não repetir os mesmos equívocos ou vazios problematizados pelos teóricos.

Porquanto, o tema da pesquisa está relacionado ao estudo teórico sobre o ensino de Literatura, a partir e dentro do contexto do ensino brasileiro, justamente para que futuramente não haja distanciamento entre teoria e prática no fazer docente para o qual nos preparamos. E, para que a Literatura esteja presente nas aulas, por meio dos textos literários. Pois, dentre os apontamentos encontrados por meio de estudos para elaboração desta pesquisa, e que chamou a atenção, foi que a Literatura está em crise, tanto em sociedade quanto em sala de aula. Sendo assim, um dos objetivos está na compreensão da relação entre as crises da Literatura, de modo a entender os possíveis desafios nestes dois contextos. Posto isto, o foco da pesquisa se deu nas teorias e no tema, no que diz respeito à crise e aos desafios.

Diante dessa problematização inicial, para composição do estudo, elencou-se três categorias que serão aprofundadas no decorrer do texto de acordo com a pesquisa realizada: 2) A crise da Literatura em sociedade; 3) A crise do ensino de Literatura e 4) O espaço da leitura literária em aulas de Língua Portuguesa.

Dentre os estudos feitos para a elaboração da primeira seção, os teóricos Perrone-Moisés (2016), Lajolo (2018) e Cruz (2017), referiram-se a uma crise da Literatura em sociedade, especificamente Perrone-Moisés e Cruz, e, a leitura de Lajolo ajudou a compreender as mudanças que a Literatura sofreu. Com isso, o intuito da seção foi realizar um levantamento teórico sobre a crise da Literatura em sociedade, ou seja, compreender como se dá esta crise da Literatura, de acordo com as perspectivas desses teóricos.

Na segunda seção, destinada a pensar a crise do ensino de Literatura, o intuito foi compreender se há relação entre a crise da Literatura em sociedade e a crise no âmbito do ensino. Foram estudados dois teóricos da seção anterior, Perrone-Moisés (2016) e Cruz (2017), também o professor que estuda especificamente a sala de aula, Cosson (2018) e, Galvão e Silva (2017) que apontam os possíveis desafios da Literatura em aulas de LP.

Por fim, a última seção foi destinada ao espaço da leitura literária em aulas de LP, com o intuito de apontar a centralidade do texto literário nas aulas. Num primeiro momento, foi

contextualizado sobre o objetivo das aulas de LP, assim como seu objeto de estudo e como o texto literário pode protagonizar as aulas, de modo a cumprir o objetivo de uma aula de LP. Para isso, foram utilizadas pesquisas de autores que estudam o tema proposto neste tópico, Antunes I. (2003), Cosson (2018) e Zilberman (2012).

2 A CRISE DA LITERATURA EM SOCIEDADE

Uma reportagem de 2016 da *Folha de São Paulo*, segundo fonte da UOL (Universo Online), embasada numa pesquisa do Instituto Pró-Livro, realizada pelo Ibope, relatou que aumentou de 2011 a 2015 a quantidade de leitores no Brasil. Em contrapartida, a quantidade de leitores literários é mínima em detrimento a leituras em geral, de acordo com os dados da pesquisa. Ou seja, a quantidade de leitores, que aumenta devido ao acesso a meios variados de leitura, não significa que o número é favorável à Literatura discutida por Perrone-Moisés (2016). Segundo reportagem:

Cresceu ligeiramente o número de leitores no Brasil nos últimos quatro anos: eram 50% da população em 2011 e 56% (104,7 milhões de pessoas) no ano passado. Mas a literatura está longe de ser o formato preferido no país: 54% dos alfabetizados não lê romances, contos e poesias por vontade própria (PRADO, 2016, seção de livros).

Sabe-se que em casos como este, deve-se levar em consideração a abordagem da pesquisa realizada, mas, já citado anteriormente, a reportagem está baseada na “quarta edição da pesquisa Retratos da leitura, realizada pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro” (PRADO, 2016, seção de livros), que considerou uma pessoa leitora, grosso modo, em relação à distância que esta esteve do último livro lido. É possível concluir, por meio dos dados da pesquisa, que há um distanciamento entre os leitores e a Literatura, visto que há apenas 2% de leitores literários, mas, além desta conclusão, surge uma questão pertinente cuja resposta, talvez, não seja tão fácil de ser respondida: por que há poucos leitores literários?

No campo da teoria literária e debates sobre a leitura e a Literatura, muito se discute sobre a crise da Literatura em sociedade. Com base nisto, esta seção foi destinada ao levantamento teórico sobre a crise da Literatura em sociedade, com o intuito de responder aos respectivos questionamentos: Como se dá esta crise? O que os autores de teoria literária têm estudado sobre? Há estudos de teóricos brasileiros que abordam sobre a crise da Literatura, a saber, *Mutações da literatura no século XXI*, de Perrone-Moisés (2016), *Literatura: ontem, hoje, amanhã* de Marisa Lajolo (2018), “Crônica de uma crise anunciada (há muito tempo...)” de Claudio da Cruz (2017), entre outros.

Sabe-se que não há um consenso sobre a definição de Literatura, pois é uma questão complexa para fixar em apenas um significado, mas é fato que ela existe e está em sociedade, em princípio sempre esteve, por mais que ao longo dos anos seu uso se modificou de acordo com o contexto histórico e plataformas. Lajolo (2018) relata as mudanças que a Literatura sofreu e tem sofrido, na obra supracitada, a autora perpassa dos gregos aos contemporâneos de forma convidativa para repensar sobre as questões envolvidas nas mudanças pelas quais a Literatura tem passado.

A mudança da concepção de Literatura e o debate sobre sua função também está presente em Perrone-Moisés (2016), porém, antes das “mutações da literatura”- aqui empregada com relação à função e não apenas o conceito- havia debates de filósofos e escritores sobre a possível “morte” ou “fim” da Literatura para o próximo século, doravante XXI, acompanhado de outros fins, como coloca a própria autora “fim do Homem, fim da história, fim da arte...” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 17). Em princípio, a autora relata da utilidade à inutilidade da Literatura, por meio de citações dos filósofos como Derrida e Escarpit que defendiam a Literatura, isto é, que viam nela um sentido para seu uso, mas, ao mesmo tempo, percebe-se a dificuldade de estabelecê-la com apenas um conceito ou finalidade. Com isso, vê-se a problemática que esteve presente na busca de escritores, pesquisadores e de outros filósofos apontados no decorrer do primeiro capítulo do livro de Perrone-Moisés (2016), uma busca pelo conceito e pela possível função da Literatura.

Percebe-se que a morte da Literatura, prevista pelos escritores mencionados por Perrone-Moisés (2016) no capítulo “O fim da literatura” não aconteceu, afinal, a Literatura ainda está presente, como a autora conclui. Mas é verídico que houve mudanças, neste século, condicionadas, entre outros fatores, pelo:

Impacto das mutações tecnológicas, em especial a informatização, que, se por um lado beneficia a produção e o comércio dos livros, por outro, privilegia a leitura rápida em detrimento a leitura lenta e reflexiva, a quantidade em detrimento a qualidade (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 23).

Além disso, o mercado editorial, que promove a circulação dos livros, oferece várias opções: “hoje a literatura é produzida por uma indústria tão sofisticada quanto à indústria de alimentos” (LAJOLO, 2018, p. 13), isto é, oferece os livros de acordo com a preferência do leitor, em que expõe a Literatura em várias faces e proporções, a depender do seu público. A expansão do mercado editorial e da tecnologia digital parece, portanto, um ponto central para esta crise, também pela perspectiva das autoras.

Não são apenas os filósofos citados por Perrone-Moisés (2016) que discutiam sobre a Literatura, há outros que muito antes já questionavam e problematizavam, foi “no mundo clássico dos gregos que começaram as primeiras divergências sérias entre os que discutiam *o que era e para que*

servia a literatura” (LAJOLO, 2018, p. 81, grifo da autora). Mas, sem dúvida, ainda não era chamada “Literatura” propriamente dita, e sim as manifestações tidas naquela época como parte da sociedade:

Aos olhos de hoje, a literatura deles (gregos) parece harmoniosamente integrada à vida grega. Forma de exprimir sentimentos coletivos, forma de comunicação com os deuses, forma de purificação (pela expressão) das grandes emoções [...]. E como celebração coletiva, além de cumprir papel social, também repercutia profundamente na vida de cada um [...] (LAJOLO, 2018, p. 81).

A Literatura fazia parte da sociedade, visto que foi mencionado pela autora que esta desempenhava um papel social, além de poder proporcionar um resultado de impacto na vida dos leitores ao lidar com o texto literário. Este último continua presente em sociedade, segundo a autora, até os dias atuais, numa perspectiva mais otimista, pois, para ela, os leitores leem Literatura porque veem um sentido para continuar lendo, como acontecia na época dos gregos, por mais que os cenários tenham se modificado, segundo Lajolo (2018). Pois, por meio da Literatura é possível retratar algo ou algum acontecimento da sociedade- e para além dela- e, ao lidar com o texto literário, o leitor pode compreendê-la por outra perspectiva.

Além disso, ainda sobre a produção da Literatura, segundo Lajolo (2018), com o passar dos anos, não muito longe dos gregos, a Literatura começou a ser vista como propriedade de elite, pois os poetas trabalhavam na casa de seus patrões com direito à moradia em troca de produções e recitações. Percebe-se, com isso, um fato que perpassa os dias atuais: “essa forma de produção marcou fortemente a literatura” (LAJOLO, 2018, p. 96) e, ainda hoje, é comum indicar a Literatura como área complexa pertencente aos mais letrados, mas na verdade, naquele tempo, segundo a autora, os próprios poetas eram vistos como “improdutivos”, ou seja, eram os supostamente letrados que trabalhavam para as pessoas ditas “de elite”.

Voltando a falar sobre a crise, outro ponto forte da Literatura em crise na sociedade apontado por Perrone-Moisés (2016) são as obras literárias caminharem lado a lado com obras que visam apenas anseios comerciais:

Essa liberdade do escritor contemporâneo não iguala uma obra literária a uma obra de puro consumo ou entretenimento. [...] O julgamento da obra literária não pode, portanto, ser apenas uma questão de gosto e seu valor não pode ser medido em termos de consumo, tomando como critério sua vendagem ou publicidade [...]. Na cultura atual, dominada por um mercado que trata as obras de arte como produtos vendáveis, a literatura pode inserir-se como mercadoria ou pode resistir, como bem imaterial (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 37).

Ou seja, para a autora, a crise também está no fato de que o valor da Literatura não deve ser pautado pela venda, pois a quantidade de consumidores não corresponde necessariamente à qualidade de leitura e ao valor do conteúdo literário. Nesse caso, Perrone-Moisés (2016) aponta duas possibilidades: inserir-se no mercado ou resistir como bem imaterial da sociedade.

Paralelo a isso, como menciona Lajolo, se é o “texto que permite o encontro de escritor e leitor” (LAJOLO, 2018, p. 147), como fica este encontro diante dos textos midiáticos e rápidos (informativos) que circundam os meios de comunicação nos dias de hoje? Pois, ao relacionar este fato com a realidade de uma pessoa que lida diariamente com esses textos, este leitor - que pode não ser um leitor literário- pode não encontrar um sentido ao lidar com o texto literário, e isso impede, então, que o encontro mencionado pela autora, efetivamente aconteça. Por meio da reportagem citada anteriormente, pode-se acrescentar que “jornais físicos e digitais lideram o ranking dos tipos de materiais mais procurados: 17% os leem todos os dias, enquanto a literatura atinge 9% da população diariamente, atrás ainda de revistas e livros não-literários” (PRADO, 2016, seção de livros). Ou seja, comprova-se então, que são poucos os encontros entre escritor e leitor possibilitados pelo texto literário conforme Lajolo (2018), já que muitos preferem textos não literários, de acordo com os dados da pesquisa.

Sendo assim, o que se pode levar em consideração entre os textos informativos que circundam a sociedade e os textos literários é a visão utilitarista de quem lê, afinal, é possível não haver sentido e utilidade num texto literário em comparação a uma notícia de jornal informativa. Sendo assim, ao encarar a Literatura como algo que deve ter uma função imediata pode ser o cerne para o não contato com o texto literário, pois a arte literária, não é texto informativo e sim convidativa à contemplação.

Em outro ensaio do mesmo livro de Perrone-Moisés (2016), a saber, “a crítica literária”, há outro fato exposto que influenciou a crise da Literatura, segundo a autora, que seria a ampliação da crítica literária numa crítica cultural, e, de certa forma, com um número maior de interessados no debate. Mas isto só foi percebido quando a crítica literária foi intitulada como instituição no século XIX, sendo assim, já na segunda metade do século posterior, com o afastamento desta instituição, foi percebida, além da elevação da tecnologia como já frisado pela autora, o avanço da crítica cultural, visto que:

A partir da segunda metade do século XX a crítica literária perdeu o espaço. Com o progresso dos meios audiovisuais e ascensão da cultura de massa, dotada de um público consumidor muito maior do que o dos leitores de literatura, a crítica literária foi inserida numa crítica cultural mais ampla [...] o espaço concedido na mídia à crítica literária encolheu, ao mesmo tempo que crescia o número de livros sendo publicados (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 60-61).

Esse debate de Perrone-Moisés (2016) está presente em “Crônica de uma crise anunciada (há muito tempo...)” de Claudio da Cruz (2017) em que este faz uma análise nas passagens em que a

autora se posiciona, especificamente, sobre a crise da Literatura. O autor, também, amplia a visão do leitor por meio de outros teóricos que discutem sobre o tema, além de retomar os escritores já mencionados pela autora. Dentre estes, o autor destaca o professor francês Compagnon e seus questionamentos acerca do uso da Literatura em sociedade, especificamente as questões em torno da proporção da arte literária, que para ele são importantes para compreender a crise.

Além de falar sobre Compagnon, Cruz (2017) também defende o ponto de vista da crítica argentina Ludmer e os posicionamentos esperançosos de Perrone-Moisés no que diz respeito às mudanças da Literatura futuramente. Pois, do ponto de vista do autor, por mais que Perrone-Moisés (2016) mencione em alguns momentos sobre “o fim”, “a crise” ou “o declínio” da Literatura, há, também, partes em que a autora compreende que este fato é contínuo, tal como aponta em sua “Conclusão intempestiva”: “enquanto permanecer vivo o desejo humano de contar e ouvir histórias [...] essa estranha instituição chamada literatura continuará existindo” (PERRONE- MOISÉS, 2016, p. 266).

Por conseguinte, Cruz (2017) concorda com Perrone-Moisés (2016) sobre a permanência da Literatura, por mais que haja mudanças, afinal, percebe-se este fato nos cenários pós-modernos, o que circundará em todos os continentes, na visão do autor “o certo é que o patrimônio acumulado pela literatura, oral ou escrita, e tanto no Ocidente quanto no Oriente, é imenso, devendo permanecer ecoando para as futuras gerações” (CRUZ, 2017, p. 262). Percebe-se, também, no texto de Cruz (2017) que na primeira parte há uma abordagem sobre a crise da Literatura em sociedade, e, no decorrer do texto, o autor expõe os relatos sobre a crise da Literatura para o âmbito do ensino, em que se deixa subentender a relação do fato já mencionado com a formação leitora dos cidadãos.

Diante do exposto, os pontos de vista dos teóricos são semelhantes quanto ao impacto que a Literatura sofreu causados pelos fenômenos sociais da pós-modernidade, isto é, seu espaço em sociedade está sendo moldado por meio dos avanços tecnológicos, visão esta presente tanto em Perrone-Moisés (2016), quanto em Lajolo (2018) e Cruz (2017). Porém, a diferença percebida durante estas leituras é que, ao que parece, Lajolo e Cruz são mais otimistas quanto à crise da Literatura, pois consideram que faz parte de um processo, e, esta crise não significa que a Literatura tenha perdido seu espaço ou valor. Já para Perrone-Moisés, a crise envolve outros aspectos pontuais, como a cultura de massa, a visão utilitarista para a arte literária implantada no coletivo de leitores que não leem Literatura. Além disso, há os estudos culturais que para a autora se sobressaem ocupando um espaço que antes era explorado pela teoria literária. Isto posto, existe algo em comum para todos os autores: a crise da Literatura em sociedade influencia na formação dos leitores literários e vice-versa, propondo desafios aos educadores, sobretudo, professores da área de Língua Portuguesa. Tópico este que será abordado na próxima seção.

3 A CRISE DO ENSINO DE LITERATURA

A Literatura está em crise em sociedade, por ‘n’ motivos, tais quais foram abordados na seção anterior. Já nesta, ter-se-á como objetivo responder outro questionamento, relacionado ao âmbito do ensino: Como esta crise da Literatura em sociedade se reflete na sala de aula? Para aprofundar o assunto, serão utilizadas as abordagens de alguns autores brasileiros, a saber, “O ensino de literatura” de Perrone-Moisés (2016), “Crônica de uma crise anunciada (há muito tempo...)” de Claudio da Cruz (2017), “A literatura escolarizada” de Cosson (2018) e “O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes” artigo de Galvão e Silva (2017), entre outros pesquisadores.

Perrone-Moisés (2016) afirma que os debates que circularam em torno da utilidade da Literatura em sociedade tiveram respaldo nas instituições de ensino, pois também ocasionou hesitação neste âmbito “a dúvida se instalou dentro da própria disciplina e de seus docentes. O abalo sofrido pelo conceito de ‘literatura’, a falta de consenso quanto aos critérios de avaliação da obra literária e de sua função têm tido um impacto devastador no ensino literário (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 71). Com isso, percebe-se que a redundância da visão utilitarista perpassa o espaço de ensino, enquanto local do conhecimento, sendo que a leitura, inclusive a não utilitária e não informativa, é a ponte para o contato com a diversidade de conhecimentos, em especial à leitura literária.

Cruz (2017) ao seguir o debate de Perrone-Moisés (2016) sobre a crise da Literatura em sociedade e a crise no ensino de Literatura, divide seu texto do mesmo modo, de forma convidativa e exemplificada, pois relata fatos de sua experiência enquanto professor para demonstrar a relação entre as crises, declarando:

Até aqui foram levantadas algumas questões que dizem respeito direta ou indiretamente ao ensino de literatura [...] falamos da crise pela qual estaria passando a instituição literária na atualidade, fruto direto de mudanças radicais de paradigmas, que puseram por terra ou no mínimo questionaram profundamente um conjunto de valores até então solidamente estabelecidos no campo literário (CRUZ, 2017, p. 279).

Adiante, o autor continua a abordagem sobre o ensino de Literatura de forma a elencar a questão da leitura, assim como a importância da Literatura e as visões dos teóricos de acordo com as temáticas. O autor conhecido por falar de letramento literário nas aulas de LP, Rildo Cosson (2018) em sua obra *Letramento Literário: teoria e prática*, também problematiza o tema da crise, pois em seu capítulo “A literatura escolarizada” frente às defasagens da Literatura em sala de aula, evidencia a falta e a carência do ensino de Literatura em aulas de LP “[...] estamos adiante da falência do ensino de literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza

(COSSON, 2018, p. 23). Ou seja, para ele há um apagamento da Literatura, pois seu estudo está simplificado à informação dos fatos históricos de escolas literárias e deixa-se de lado o texto e as discussões a respeito deste objeto.

Ademais, há dois fatos mencionados por Perrone-Moisés (2016) sobre a crise da Literatura em sociedade, que se relacionam com a crise no âmbito do ensino. No capítulo anterior, foi mencionada, sob a ótica da autora, a distinção entre a crítica literária e a crítica cultural, já em seu capítulo destinado ao ensino, ao seguir o mesmo raciocínio, é mencionada a dominação dos estudos culturais sob os estudos literários, ou seja, também há uma distinção, mas relacionada ao ensino de Literatura. Perrone-Moisés (2016) entende que “o feminismo, o movimento gay e o multiculturalismo correspondem a grupos com força política, e também a importantes nichos do mercado” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 72), porém, para a autora, isto equivale a utilizar a Literatura em favor dos estudos culturais, seus movimentos e protestos, e com isso, abre-se mão da Literatura primordial concebida nos séculos passados, com foco na teoria literária, por isso ela aponta o crescimento dos estudos culturais como um dos fatores da crise do ensino de Literatura.

Uma ressalva que só pode fazer às ideias de Perrone-Moisés (2016), pode-se substituir a “submissão” usada pela autora, quando diz que a teoria literária se submeteu aos estudos culturais, por “contribuição” dos estudos culturais e seus temas que circundam a sociedade para os estudos literários. Por meio dos estudos culturais é possível trazer abordagens e reflexões às aulas de LP via arte literária, sobre os temas relevantes que rondam a sociedade, sem tirar, com isso, o espaço da centralidade da Literatura na sala de aula e a discussão sobre a potência da Literatura.

O outro aspecto mencionado por Perrone-Moisés (2016) sobre os estudos literários, diz respeito às possíveis demandas ao utilizar a obra literária, que pode se restringir à forma ou ao conteúdo, e que segundo a autora, ao ter como base apenas um destes preceitos, a obra perde seu aspecto como um todo, pois:

Tanto o excesso de conteudismo como o excesso de formalismo deixam escapar um lado da obra, perdendo de vista sua unidade. Por ser criação de significados a partir de dados da realidade, a obra literária, diferentemente dos textos verbais apenas comunicativos, diz *algo em determinada forma*, mais complexa, mais rica, mais ambígua (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 77, grifo da autora).

Perrone-Moisés (2016) sugere, portanto, um equilíbrio entre o debate a respeito do conteúdo e forma da Literatura em sala de aula, para que uma coisa não anule a outra e possam compor uma unicidade.

Ademais, constata-se, também, outro aspecto, já citado em outro momento, que Perrone-Moisés (2016) menciona ser um dos fatores que contribuem para o afastamento dos textos literários nas

aulas de LP: a utilidade dos textos comunicativos de modo primordial, justamente por serem textos informativos, lidos com frequência em sociedade, o que contribui para a diminuição da presença, e de certa forma, para o afastamento dos textos literários, e com estes, a Literatura da realidade dos estudantes. Ou, porque os textos literários são complexos em detrimento aos textos informativos, mas que, exatamente por isto exige que a leitura literária inicie o quanto antes “[...] por ser complexa, a leitura do texto literário exige uma aprendizagem que deve ser iniciada na juventude” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 78). Isto é, a questão da complexidade não justifica a preferência aos textos informativos.

Antunes B. (2015) em seu artigo “O ensino de literatura hoje” defende que os mesmos fatores que corroboraram a crise da Literatura em sociedade afetam a crise do ensino de Literatura, porém, deduz que a própria escola contribui para o enfraquecimento, enquanto instituição demorada a se adaptar de acordo com os recursos tecnológicos modernos:

É muito provável que a escola esteja defasada em relação aos tempos atuais, nos quais se verificam mudanças rápidas de comportamento, motivadas em grande parte pelo avanço inédito da tecnologia em todos os níveis sociais. Como se sabe, a escola demora a incorporar em seus currículos os novos conhecimentos a serem transmitidos. É, portanto, aceitável que, no tocante à literatura, ocorra o mesmo fenômeno, ou seja, o apego a *corpus* e métodos didáticos que tendem a se distanciar das práticas sociais da criança e do jovem contemporâneo (ANTUNES, B., 2015, p. 5).

Constata-se, que essa questão que envolve a escola é um desafio frequente. Por outro lado, Cosson (2018) menciona que a escola pode proporcionar o afastamento da leitura literária, justamente por tentar se adequar aos moldes e gêneros textuais da atualidade, e, deixa-se de lado à obra literária em si. Além de Antunes B. (2015), há outros pesquisadores que abordam sobre o ensino de Literatura, mais especificamente sobre os possíveis desafios da Literatura em aulas de LP, a saber, Galvão e Silva (2017) que indicam, no artigo “O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes”, alguns pontos serem os desafios mais frequentes sobre o apagamento ou o afastamento da Literatura. Dentre estes, destaca-se: 1) a preocupação com o vestibular; 2) a formação dos professores; 3) professores não leitores; 4) não valorização do repertório dos alunos e 5) conceitos sobre a leitura preestabelecidos. Percebe-se que há relação entre alguns pontos, por exemplo, 2 e 3, mas todos são relacionados entre si por tratarem de um único aspecto: os possíveis motivos dos desafios da Literatura em aulas de LP.

Por certo, para defesa do primeiro ponto, Galvão e Silva (2017) mencionam que uma das possibilidades sobre o motivo do professor reduzir a Literatura por aula de história pode ser pela preocupação com o vestibular, por isso a ênfase aos períodos literários, aos autores e às obras pertencentes à determinada época. Já no segundo ponto, enfatiza-se o déficit na formação do professor

e salienta-se a importância do professor se aperfeiçoar como docente e pesquisador durante o contato com a sala de aula, ou seja, sempre se aprimorar na temática do ensino de LP, com o intuito de renovar e revisar sua ação enquanto mediador do conhecimento, em especial ao saber literário e ao incentivo à leitura:

No que se refere aos professores, há que se considerar a maneira como sua formação se constitui, o que traz consequências na prática em sala de aula: quando capacitados e possuidores de uma boa formação, podem contribuir de forma mais efetiva para que o estímulo à leitura se desenvolva na escola (GALVÃO; SILVA, 2017, p. 211).

Nesta concepção, Galvão e Silva (2017) argumentam que é essencial que o professor de LP seja leitor, para poder incentivar os discentes a lerem livros literários, afinal, “para além da formação acadêmica, outra questão relativa ao professor se configura como desafio do ensino de literatura no Brasil: a sua falta de prática leitora” (GALVÃO; SILVA, 2017, p. 213). Pode-se acrescentar outro fato, que diz respeito ao professor ser um mediador no momento de leitura, e, para além de ter o conhecimento sobre os textos, também saber como ou qual a melhor forma de incentivá-los, de acordo com o diagnóstico da turma.

Entretanto, no quarto ponto, a partir do incentivo à leitura, como uma das tarefas do professor, Galvão e Silva (2017) acrescentam a relevância de ser levado em consideração o repertório de leitura dos alunos, justamente para que seja o ponto de partida para início de outras leituras mais densas, como os cânones, por exemplo. Por fim, os autores apresentam o fato de serem utilizados conceitos preestabelecidos durante as aulas, especificamente durante as discussões de textos literários, pois:

Nas salas de aula brasileiras, ainda é possível notar um ensino de literatura onde o trabalho com o texto literário esbarra numa perspectiva pré-fabricada de análise, partindo do livro didático ou do professor. Nesse ambiente, as respostas dos discentes às atividades avaliativas ou até mesmo às discussões em sala precisam se enquadrar no perfil proposto pelos livros didáticos e/ou pelos professores [...] (GALVÃO; SILVA, 2017, p. 218).

Sendo assim, na perspectiva dos autores, há aulas de LP em que não há a liberdade para os alunos exprimirem seus entendimentos e pontos de vista sobre a leitura, o que ocasiona um afastamento em relação à leitura em sala de aula e dificulta a ampliação por meio de novas leituras e de um possível compartilhamento de ideias entre o (a) professor (a) e os colegas. Afinal, “quanto mais autonomia de análise tiver o estudante, sob a orientação do professor e das teorias aplicáveis, mais próximo estará de alcançar a competência para analisar diferentes textos das mais diversas correntes literárias [...]”

(GALVÃO; SILVA, 2017, p. 219). Frente aos desafios apontados sobre o ensino de Literatura, pode-se acrescentar outros pontos mencionados pelos autores já citados, ou que acrescentam outros desafios que rondam esse âmbito. Mas, os autores concluem: os desafios do ensino de Literatura nas aulas comprovam que há uma “crise”, uma “falência” ou um “declínio” do ensino de Literatura, em aulas de LP.

Em síntese, a crise da Literatura em sociedade se reflete na sala de aula, de forma direta e indiretamente, de acordo com os autores. Para Perrone-Moisés (2016) a relação é direta, pois, foi mencionado sobre o olhar utilitarista para a Literatura, assim como o estudo do texto literário com foco somente na forma ou no conteúdo, sugerindo uma unicidade entre os dois pontos. Cruz (2017) defende que os fatores influenciam direta e indiretamente de acordo com os aspectos. Enquanto Cosson (2018) trata especificamente de como a Literatura está em sala e problematiza a ênfase dada aos períodos literários ao invés de priorizar o contato direto com o texto literário. Mas, também, menciona o comprometimento da escola como um todo, pois a responsabilidade não é apenas da aula de LP. Frente a esses pontos de vista, faz-se uma possível relação com os desafios mencionados por Galvão e Silva (2017). Por fim, o intuito foi mencionar as visões sobre a crise para repensar como a Literatura pode estar no centro das aulas de LP, tópico este que será abordada na seção seguinte.

4 O ESPAÇO DA LEITURA LITERÁRIA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Parte-se do pressuposto de que a crise da Literatura em sociedade se reflete na sala de aula, pois estão relacionadas aos desafios enfrentados pelos professores de LP, conforme a seção anterior. Neste tópico, será abordado sobre o espaço destinado à Literatura em aulas de LP, com intuito de responder ao questionamento: Como a Literatura pode estar presente na aula de LP? Para aprofundar este assunto, sala de aula e ensino de Literatura, dentro das aulas de LP, serão utilizadas algumas obras de professores que pesquisam este tema, a saber, “Repensando o objeto de ensino de uma aula de português” de Antunes I. (2003), *Letramento Literário: teoria e prática* de Cosson (2018) e “A escolha do texto” de Zilberman (2012), entre outros pesquisadores da área.

Para Antunes I. (2003), o objeto central da aula de LP deve ser o texto. Em seu livro, com seus capítulos paradigmáticos, mais especificamente o intitulado “Repensando o objeto de ensino de uma aula de português”, como o título já sugere, expõe sua convicção de que é necessário refletir sobre o objeto em torno do qual devem circular os conteúdos a serem trabalhados na disciplina de LP, ou seja, “a mudança no ensino de português não está nas metodologias ou nas ‘técnicas’ usadas. Está na escolha do objeto de ensino, daquilo que fundamentalmente constitui o ponto sobre o qual lançamos os nossos olhares (ANTUNES, I., 2003, p. 108). Ou seja, para ela o foco é a linguagem que se dá por meio dos

textos, e, estes podem ser os literários, pois além de estudar a língua, é possível explorar outras especificidades encontradas apenas na arte literária.

Segundo abordagem de Antunes I. (2003) o intuito das aulas de LP, deve ser que os alunos desenvolvam suas habilidades de fala, escuta, leitura e escrita. No entanto, para que isso efetivamente aconteça, o objeto de estudo deve ser, necessariamente, o texto, afinal, “é o uso da língua – que apenas se dá em textos – que deve ser o objeto – digo bem, o objeto – de estudo da língua” (ANTUNES, I., 2003, p. 111). Para inserir o texto literário neste contexto, é possível levar em consideração a relação humana com a invenção, a liberdade, e o “desejo de contar e ouvir histórias” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 266) que o texto literário também pode proporcionar. E, que de certa forma, utilizam a linguagem para dialogar com sua realidade ou outras leituras de mundo, além da possibilidade de “tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente” (ANTUNES I., 2003, p. 15), ou transpor sua capacidade de imaginação.

Além disso, Cosson (2018), em seu capítulo intitulado “A literatura e o mundo”, sobre a Literatura ser uma forma de exercício da linguagem, diz:

O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício [...] a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana [...] isso ocorre porque a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo (COSSON, 2018, p. 16).

Sendo assim, por meio da Literatura, segundo Cosson (2018), é possível exprimir as habilidades mencionadas anteriormente por Antunes I. (2003). Isto se faz por meio da leitura de textos literários, que, para Zilberman (2012), deve ter como respaldo ela mesma, como diz a autora: “talvez seja preciso antes de tudo considerar o ato de ler uma atitude cujo significado se encerre nela mesma” (ZILBERMAN, 2012, p. 114). Ou seja, para ela o espaço da Literatura nas aulas de LP pode se justificar pela leitura por si só, sem necessidade de um fim útil ou “produto final” a partir de uma atividade. Porém, por meio da discussão sobre o texto, e, a partir do amadurecimento destes pontos (leitura e discussão), também pode-se explorar alguma atividade referente à leitura, já que é necessária a composição de notas, mas que o (a) professor (a) não se restrinja à visão utilitarista do texto literário. Outra defesa da autora sobre o texto literário se dá pela “necessidade de conhecimento, por parte do aluno, da história da literatura nacional, sua tradição e membros mais ilustres” (ZILBERMAN, 2012, p. 116), isto é, diz respeito ao direito de o aluno conhecer os escritores de seu país, assim como de sua localidade atual.

Por certo, mesmo sabendo que o objeto texto não precisa ser apenas literário, pode-se defender a importância do professor utilizar os textos literários como objeto de estudo nas aulas de LP, e a partir da análise destes textos, explorar os conteúdos a serem ministrados, isto é, a partir da reflexão

sobre a leitura e para além dela, justamente “porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de texto que o aluno deve conhecer [...] porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado [...], mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 80). Ou seja, por meio do texto literário os alunos podem analisar o desenvolvimento da linguagem (nesta arte), como ela se modifica de acordo com a pretensão do escritor e, pode ter várias significações, de acordo com o entendimento do leitor e também do contexto de produção da obra.

Na seção anterior, foi mencionado que a Literatura era vista, no tempo dos gregos, como parte da sociedade e desempenhava um papel social importante, de acordo com Lajolo (2018). Fritzen (2017) também fala sobre isso em seu capítulo “O entorno da pergunta ‘O que significa *ensinar* literatura?’: reflexões sobre seu lugar e papel na Educação Básica”, quando menciona que esse movimento continuou nos anos seguintes, pois esteve presente no âmbito do ensino, dado que:

[...] há pouco mais de cinquenta anos poucos teriam imaginado levantar essa questão sobre a legitimidade de a literatura ser um objeto no currículo. Sua razão de ser estava amparada por uma tradição milenar que desde a Antiguidade Clássica a dispunha como estratégia para a formação da palavra nos cidadãos. Mais recentemente, foi a constituição dos Estados-nação que a estabeleceu como patrimônio a ser conhecido e lembrado no processo de expansão do sistema de ensino à população dos seus territórios. Voltada à profissionalização da palavra antes, como Retórica, e à constituição da consciência nacional depois, como História Literária, a literatura se mantinha firme como texto hegemônico na aprendizagem da Língua (FRITZEN, 2017, p. 110).

Haja vista, na aula de LP, segundo Fritzen (2017) o texto literário já foi central. O autor também acrescenta que estavam presentes por meio da literatura clássica, e, mais adiante, pela literatura vernácula, mas de uma forma ou de outra os textos literários eram - inquestionavelmente - utilizados nas aulas. Já agora, há apenas a utilização de um dos textos – clássicos ou vernáculos – e a presente ênfase nos tipos textuais, isto é, “hoje a questão já não é mais a transição envolvendo os tipos de textos literários, clássicos ou vernáculos, mas a mudança dos tipos textuais, literários ou não” (FRITZEN, 2017, p. 111). Ou seja, o autor afirma que atualmente ocorre, muitas vezes, a substituição do espaço da Literatura em aulas de LP por textos que não são literários.

Além de Fritzen (2017), Carvalho (2015), no artigo “A importância da leitura literária para o ensino”, também problematiza o tema ao dizer que “a literatura não está presente na sala de aula como gostaríamos. Para muitas escolas é um conteúdo sem muito significado [...] só tem valor acompanhado de algum ensinamento de gramática” (CARVALHO, 2015, p. 12). Com esta afirmação, percebe-se, também, a visão utilitarista do texto literário no âmbito do ensino, pois só há função se for utilizado

como pretexto para as noções gramaticais. Também, há o estudo simplificado da Literatura por aulas de história, ou melhor, a substituição dos textos literários pelos “estudos” dos períodos literários e seus respectivos autores, que resultam em “aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras, em uma organização tão impecável quanto incompreensível aos alunos” (COSSON, 2018, p. 22).

Além do mais, ainda de acordo com Cosson (2018), pode-se acrescentar, também, a utilização do texto literário - um gênero específico: conto, crônica, etc.- em comparação a outros gêneros textuais sem exploração à arte estética. Ou, ainda, a utilização de um texto literário para comprovação da característica de um determinado período literário visto anteriormente, pois “os textos literários, quando comparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes nomeadas” (COSSON, 2018, p. 21). Dessa forma, a discussão do texto literário não é a prioridade nesse formato de aula, percebe-se, também, o fator utilitarista, pois o texto está sendo utilizado como forma de comprovação da história dos períodos.

Conforme Lajolo (2018), esses fatos bloqueiam o contato entre autor, texto e leitor. Do mesmo modo que, se o texto literário for utilizado como pretexto, isto é, sem a sua devida mediação e busca por significado, passará despercebido às abordagens possíveis e que podem acrescentar no repertório do aluno, e, isto pode resultar num afastamento entre a Literatura e os discentes. Mas, dentre as práticas possíveis para o texto literário ser o centro das aulas, pode-se ter como base levar em consideração o repertório de leitura dos alunos, conforme problematiza Zilberman:

Os objetivos podem levar em consideração os interesses do aluno, para quem talvez a tipologia de textos e a afirmação antecipada de valores podem parecer arbitrárias, se não provierem de uma formulação dele ou se relacionarem à sua experiência de leitura. A dificuldade que imediatamente aparece diz respeito à explicitação desses interesses. Não porque eles não existam, mas porque os estudantes podem não saber externá-los (ZILBERMAN, 2012, p. 118).

Por isso, a autora enfatiza a importância de ouvir e dar espaço aos alunos, para que se sintam à vontade para compartilharem suas leituras com os colegas e professor (a), assim como se expressarem sobre a experiência destas leituras, para que durante a leitura e discussão sobre um texto trazido pelo (a) professor (a), os alunos continuem com a mesma liberdade e envolvimento que tiveram durante a socialização de suas leituras.

Em síntese a esta categoria, a Literatura deve estar presente como centro das aulas de LP, a partir da leitura e discussão, seja sobre o tema, o contexto cultural e histórico, o debate estético em torno da obra, as diversas significações atribuídas à obra literária, as relações com sua realidade ou até mesmo sua relação com outros textos literários ou não literários. Dentre todas essas alternativas é possível que o texto literário seja o princípio para desencadear o decorrer dos assuntos a serem estudados

sobre a LP e para além dela. Os autores citados neste tópico defendem este pressuposto, tanto Cosson (2018), como Zilberman (2012) e Perrone-Moisés (2016). Embora Antunes I. (2003) não foque no texto literário, também defende o texto como centro, reforçando a reflexão. Dentre as realidades sobre o espaço da Literatura nas aulas de LP, é possível que a situação seja repensada, com base em pesquisas sobre o tema, para que a disciplina de LP possa ter como protagonista a Literatura, gerando maior envolvimento dos alunos com os textos literários, para além dessa perspectiva de período, análise apenas gramatical ou análise de características do gênero e tipo textual.

5 OBSERVAÇÕES FINAIS

No início deste estudo, problematizou-se o espaço da Literatura em aulas de LP, com o intuito de justificar as escolhas das categorias, de acordo com o debate teórico em torno do tema ensino de Literatura e uma possível relação com o início da prática docente. As categorias elencadas para estudo foram: 1) A crise da Literatura em sociedade, 2) A crise do ensino de Literatura e 3) O espaço da leitura literária em aulas de Língua Portuguesa.

Sobre a categoria 1) A crise da Literatura em sociedade foram expostos os motivos da crise em sociedade, de acordo com os teóricos escolhidos. Ou seja, um dos fatores que contribuiu para a crise foi a passagem de época com o avanço tecnológico cada vez mais acessível, em que a sociedade foi e está inserida, e isso se reflete no contato com a Literatura, a partir do momento que os textos não literários forem lidos e escolhidos com maior frequência. Isto é, pela visão da utilidade nestes textos, já que a maioria é informativa, em contrapartida aos textos literários. Também há a expansão dos estudos culturais, que podem ser entendidos como a ocupação de um espaço que antes era destinado apenas aos estudos literários, no que tange a teoria literária.

Acerca da categoria 2) A crise do ensino de Literatura foi desenvolvida sobre a crise da Literatura em sociedade e sua relação com a crise da Literatura no ensino. Ou seja, a crise da Literatura em sociedade e seus motivos (preferências de leitura, utilitarismo, etc.) se refletem na sala de aula, pois a realidade é a mesma, afinal, está inserida na sociedade (em crise), com isso, há as preferências pelos textos não literários (informativos), assim como há ênfase na forma da Literatura, isto é, ênfase nas características dos períodos literários, ao invés da experiência do texto literário.

No que se refere à categoria 3) O espaço da leitura literária em aulas de Língua Portuguesa foi exposto o objeto de estudo da aula de LP, o texto, assim como o objetivo da

aula, que tem por foco a língua e as habilidades que os alunos devam desenvolver. Sendo assim, a Literatura pode estar presente por meio do texto literário, sendo utilizado como o centro das aulas, ou seja, para que a partir da leitura e discussão, sobre: o tema, a abordagem, relação com a realidade, a forma, entre outros pontos sejam expressas as manifestações da linguagem, assim como as diferentes significações do texto literário. Pois, por meio disso, o centro (objeto de estudo) será o texto e, terá a prática das habilidades, que se refere ao momento de reflexão sobre a leitura, além das diversas significações transmitidas por meio do texto literário.

Enfim, o estudo estabeleceu relação entre a aula de LP e o ensino de Literatura, de modo a problematizar a presença do texto literário nas aulas e entender a relação da crise com os possíveis desafios. Desse modo, a pesquisa se destina aos professores e demais pesquisadores que acreditam no poder da Literatura e nas especificidades do texto literário, tanto de forma a compreender os usos da língua, como perceber a arte literária como liberdade de escrita e de significação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Benedito. O ensino de literatura hoje. **Fronteiraz: revista digital do programa de estudos pós-graduados em literatura e crítica literária**. São Paulo: v. 14, julho, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/22456>> Acesso em: 16 de set. de 2019.

ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003. pp. 107-154

CARVALHO, Maria Damiana. A importância da leitura literária para o ensino. **Entreletras**. Tocantins: v. 6, n. 1, p. 6-21, jan/jun, 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/download/1484/8650> Acesso em: 15 de maio De 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto 2018.

CRUZ, Claudio Silva da. Crônica de uma crise anunciada (há muito tempo...). In: CECHINEL, André; SALES, Cristiano de (org.). **O que significa ensinar literatura?** Florianópolis: EdUFSC; Criciúma: EdiUnesc, 2017. pp. 253-294.

FRITZEN, Celdon. O entorno da pergunta: o que significa ensinar literatura? Reflexões sobre seu lugar e papel na Educação Básica. In: CECHINEL, André; SALES, Cristiano de (org.). **O que significa ensinar literatura?** Florianópolis: EdUFSC; Criciúma: EdiUnesc, 2017. pp. 109-121.

GALVÃO, André Luis Machado; SILVA, António Carvalho da. O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes. **Letras & Letras**. Uberlândia: v. 33, n. 2, p. 209-228, jul/dez, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/38630/21192>. Acesso em: 16 de set. de 2019.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: UNESP, 2018.

PRADO, Carol. No Brasil, 54% não consomem livros literários por vontade própria. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 de maio de 2016. Seção de livros. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1772898-no-brasil-54-nao-consome-literatura-por-vontade-propria-aponta-pesquisa.shtml>. Acesso em: 20 de ago. de 2019.

PERRONE, Moisés Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ZILBERMAN, Regina. A escolha do texto. In: **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: ed. Contexto, 1988. pp. 115-119.